

Ocorrências reforçam alerta com escalada de vidas perdidas para o coronavírus, assim como persistência das contaminações, embora vencido o pico da doença

Minas enfrenta repique de 143 mortes em 24 horas

VÍCIUS PRATES*,
PATRICK VAZ e BEN FERRAZ
Especial para o EM

O número diário de mortes provocadas pela COVID-19 em Minas Gerais volta a impressionar no estado, com o avanço verificado há seis meses. Ontem, 143 óbitos foram registrados no boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde, maior ocorrência medida em 24 horas desde 11 de agosto do ano passado, quando as notificações somaram 140. A marca mais alta, neste ano, até então, havia sido alcançada no último dia 3-135 vidas perdidas.

A despeito do crescimento das mortes, o governo mineiro informou, ainda ontem, que vai trocar a metodologia de diretrizes dadas aos municípios para gestão das medidas de prevenção contra a doença respiratória, desativando o sistema de ondas (roxa, vermelha, amarela e verde) do programa Minas Consciente. A mudança se deve à avaliação de que o pico da COVID-19 foi superado. A nova sistemática, que servirá de base para as diretrizes relacionadas ao funcionamento das atividades econômicas na pandemia, será anunciada até o fim do mês.

Em Belo Horizonte, a transmissão do coronavírus perde força pela terceira semana. O chamado RT, indicador da velocidade do contágio, que batizou da pontuação 1 na quinta-feira, após 51 dias em alta, volta a cair e estava ontem em 0,96. Significa que cada grupo de 100 pessoas tratadas ou coroadas por outras 96. Redução que não foi registrada na ocupação dos leitos destinados ao tratamento de pacientes com COVID-19.

Nas unidades de tratamento intensivo (UTIs), a taxa baixou de 86,6% para 82,4%, mas permanece, ainda, em estágio crítico, no nível vermelho da classificação de risco dos indicadores da doença. Nas enfermarias, houve queda da ocupação de 64,8% para 62%, nível amarelo da avaliação usada pelas autoridades de saúde.

Apesar do ritmo menor de transmissão do coronavírus na capital mineira, a população deve se manter em alerta, já que em janeiro mais 1.273 pessoas foram infectadas pelo vírus e nove morreram de quinta-feira para ontem. Ao todo,



(LEANDRO COURTEIRO/DA PRESS - 8/1/21)

desde o início da pandemia, a cidade registrou 7.263 óbitos e 325.534 casos de contaminação pelo coronavírus em período de 24 horas estão crescendo desde 12 de janeiro. Os registros de ontem indicaram 22.464 pessoas infectadas. Até o início deste ano, o estado não havia registrado mais do que 17 mil diagnósticos em um único dia.

O balanço de todo o período da pandemia mostra que o coronavírus infectou 2.982.471 pessoas em Minas, e 58.346 morreram em decorrência da doença. Segundo dados do boletim da Secretaria de Estado de Saúde, o número de casos em acompanhamento diminuiu em 24 horas. De 241.895 registros na quinta-feira, o número de pa-

cientes diminuiu, ontem, para 233.562. Está nessa condição pessoas com diagnóstico de COVID confirmado ou cuja situação aguarda atualização pelos municípios. Em todo o estado, 2.690.563 pessoas já se recuperaram da doença.

NOVO SISTEMA Enquanto a equipe do governo mineiro define a nova sistemática que será usada em substituição ao programa Minas Consciente, estado permanece na onda verde, a menos restritiva do plano às atividades econômicas. A metodologia criou fases de restrições para definir a situação dos municípios e das regiões geográficas com as respectivas regras de segurança adotadas contra a COVID.

Em março de 2021, por exemplo, todos os 853 municípios de Minas tiveram que aderir à onda roxa, então a mais restritiva, inclusive com toque de recolher. Nesta semana, o secretário de Saúde, Fábio

Baccheretti, afirmou que o Minas Consciente não reflete a nova realidade da doença no estado. "Os indicadores não estão acompanhando esse modelo de ação porque as variantes são menos letais e as pessoas estão vacinadas", explicou.

O estado tem quase 80% dos habitantes a partir de 5 anos vacinados com duas doses contra a COVID-19. Crianças de menos de 5 anos ainda não podem ser imunizadas no Brasil. "Não há dúvida alguma de que a situação está melhorando como um todo. Vamos propor ações específicas e regionais para cada caso de aumento ou recuo da doença", afirmou o secretário. A despeito do cenário mais positivo, Baccheretti destacou que não há previsão para a suspensão do uso, hoje obrigatório, de máscara de proteção facial.

* Estagiário sob supervisão do subeditor
Marta Vieira

Apesar de o número diário de vidas perdidas ter crescido nos últimos seis meses no estado, governo avalia que indicadores venceram epíctico



Internação e óbitos ainda serão altos

MARIANA COSTA*

A elevada positividade de testes para a COVID-19 demonstra que a transmissão ainda é ágil, o que significa que os números de internações e mortes provocadas pela doença ainda continuarão altos nos próximos dias, a despeito da convicção do governo de Minas Gerais de que o estado passou pelo pico da infecção viral. É o que avalia a infectologista Melissa Valentini, da rede de laboratórios do Grupo Pardini.

"A Omicron infecta muitas pessoas ao mesmo tempo, mas, aparentemente, o pico é atingido em quatro semanas e começa a cair. Em Minas, essa queda já começou. Pelos dados do Grupo Pardini, o percentual de testes positivos no estado já vem caindo desde a semana passada, mas ainda estamos com um percentual de testes positivos muito alto, de quase 50% dos testes", afirma. Segundo a infectologista, essa proporção de testes positivos supera qualquer outro momento da pandemia.

Segundo Melissa Valentini, a situação é resultado do fato de a variante Omicron do coronavírus ser mais transmissível. "Ela é mais transmissível, menos grave, mas temos muitas pessoas ao mesmo tempo infectadas. Possivelmente, vamos ter mais internações e mais mortes. Em nenhum momento anterior tivemos tantas pessoas infectadas ao mesmo tempo".

A infectologista explica que, no caso da COVID-19, há o pico da doença, com aumento das internações cerca de 15 a 20 dias após esse pico. Já a mortalidade ocorre posteriormente, com 30 dias. "A pessoa pegou COVID, ficou mal - o que acontece depois do sétimo dia - foi internada, foi para a terapia intensiva e o óbito é mais tardio. As mortes acontecem três a quatro semanas após o pico do contágio", afirma.

Outro motivo de preocupação dos especialistas é a subvariedade da Omicron, a BA.2. No Brasil, já foram registrados casos em São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. A infectologista acredita que, em pouco tempo, ela deve se tornar predominante entre os casos de COVID-19. Estudo feito na Dinamarca mostrou que a BA.2 é 33% mais transmissível que a Omicron original, no entanto, trata-se de uma pesquisa restrita.

* Estagiária sob supervisão do subeditor
Marta Vieira

Vacinação definirá o fim da 'fase aguda'

O diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou, ontem, que a "fase aguda" da pandemia de COVID-19 pode terminar este ano, caso o planeta atinja taxa de vacinação de 70% da população. "Nossa expectativa é do fim da fase aguda da pandemia este ano, desde que 70% da população mundial seja vacinada até o meio do ano, por volta de junho ou julho", declarou, em entrevista, durante visita à África do Sul.

Ele aproveitou para fazer um apelo especial aos governantes: "Está em nossas mãos, é uma questão de decisão", destacou. O chefe da OMS visitou os laboratórios da empresa de biotecnologia Afrigen, com sede na Cidade do Cabo, que fabricou a primeira vacina de RNA mensageiro contra a COVID-19 no continente.

Preparada a partir do sequenciamento do código genético disponibilizado pelo laboratório Moderna, a vacina estará pronta para testes clínicos em novembro próximo. Mas deverá ser aprovada até 2024. "Essa vacina será mais adaptada aos contextos em que será utilizada, com menos obrigações de armazenamento e a um preço mais baixo", explicou Tedros Ghebreyesus. O projeto da Afrigen é apoiado pela OMS e pelo mecanismo CoVax de acesso a vacinas. Apenas 11% dos africanos são vacinados, a taxa mais baixa do mundo.

DEMISSÕES Em Nova York, no mesmo dia do alerta feito pelo diretor da OMS, cerca de 3 mil trabalhadores, principalmente policiais, bombeiros, profissionais de saúde e professores, receberam ultimato quanto à sua demissão se mantiverem a recusa em receber a vacina contra a COVID-19, informou a mídia local. A medida é anunciada em meio ao crescente descontentamento com as restrições para combater a pandemia, o que levou vários estados a suspenderem a obrigatoriedade do uso de máscara de proteção em locais fechados.

A vacina foi decretada como obrigatória em outubro do ano passado pelo então prefeito Bill de Blasio. Seu sucessor, Eric Adams, apoiou a decisão e, em 31 do mês passado, anunciou que ontem seria o último dia de trabalho para funcionários não vacinados. Ao todo, isso representa menos de 1% da força de trabalho dos 370 mil funcionários da cidade de Nova York. Deste universo, 95% já receberam pelo menos uma dose da vacina.

"Tem que se vacinar. Se não seguir as regras, você está tomando essa decisão", disse Adams na quinta-feira em entrevista à imprensa. "Todo mundo entenderá", completou o prefeito, que assumiu o cargo em 1º de janeiro. Por esse motivo, alegou que esses funcionários recalcitrantes não estão sendo demitidos, mas sim "deixando" seus empregos.



NICOLAS TUCATAP

VENCEDORA, APÓS 2 PANDEMIAS

Em seu 118º aniversário, comemorado ontem, Lucile Randon (foto), mais conhecida como a Irmã André, desejou "morrer logo", mas ela deixa sempre a porta aberta para que possa ser cumprimentada. Uma cama individual, uma imagem da Virgem Maria e um rádio desligado há meses permanecem no quarto dela. A anciã, sempre vestida com seu hábito de freira e véu azul, apenas espera, sentada em sua cadeira de rodas, com a cabeça baixa e os olhos que já não enxergam. Lucile Randon nasceu em 11 de fevereiro de 1904, em Ales, no Sul da França. É o mulher mais velha do país e da Europa, sendo apenas superada no mundo pela japonesa Kane Tanaka, de 119 anos. Após ter sobrevivido à gripe espanhola de 1910, ela venceu sem problemas a COVID-19, que lhe provocou apenas cansaço.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Covid-19 **Página:** 5